



A menina Elvira Lucia Guapo Garçon envolta na bandeira da cidade
(Clôché do distinto fotógrafo Istarus)

Lisboa, 9 de Junho de 1913

DE J. J. DA SILVA GRAÇA
: José JOY REY CHAVEZ
Administração, Off. Com-
Impressão - RUA DO SÉCULO, 43

Ilustração
POPULITUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL
O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias por- tuguesas e Hespanha)	ANO.....	4800
	SEMESTRE....	2400
	TRIMESTRE....	1800



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamentamento e durante o período do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, impede a diarrheia, não frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCADORIAS.

Peçam a este Homem que lhes leia a Vida

O SEU PODER EXTRAORDINÁRIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, têm tirado bom proveito dos conselhos d'este

homem. Diz-lhes que os destinos que as suas capacidades lhes permitem e de que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos e descreve os seus e os maus períodos da cada existência. A declaração que faz de que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha de auxilio. E tudo quanto sie precisa para o guiar no seu trabalho limita-se a ler o nome da pessoa (escrito pelo propria mão d'ella), a data do nascimento e a declaração do sexo. Não escusado mandar o nome d'este jornal e obter uma Lettura d'Ensaio gratuita. Se o leitor que isto lãr quizer aproveitar este oferecimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais qu enviar o seu nome apellido, morada e data do seu nascimento (dia, mez e anno, lã do bem claramente escrito e explicado), quer seja senhor, e a hora ou minima sol-tudo, enviando tambem para sua letra os valores seguintes:



não milharas os que nos dizem Que fizes conselhos sem par: Para atingir a ventura, Querere-me o caminho en'star?

A pessoa que escrever, se essa for a sua vontade, pode juntar ao seu pedido a quantia de 10 réis em estampilhas portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras) para despezas de porte e de escritório, dirigida a sua carta a Clay Burton, Vence, Suite 2008, P., Palais Royal, Paris, Franca. As cartas para a Franca devem ser frankeadas com 50 réis moeda portugueza, (ou 200 réis moeda brasileira).

Escola Politechnica
Frankenhausen (Allema-nhas)
Construções de machinas geras e agricolas
Electrotechnica e architectura

Roses d'Orsay
Evoca o perfumada Flor
D'ORSAY 17, Rue de la Paix, PARIS



Venda em todas as Pharmacias

FARINHA LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO para crianças e pessoas edosas.

Companhia Papel do Prado

Sociedade, anonyma de respons. limitada

CAPITAL	
Accões.....	360.000.000
Obrigações.....	325.910.000
Fundos de reserva e amortização.....	256.400.000
Total.....	942.310.000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marinhã e Solreirinho (Toledo), Penedo e Casal d'Hermito (Lousã), Vale-Maior, Albergaria e Vidua. Insinuadas para uma producao anual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressao e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e Depozitos:* 279, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA—49, RUA DE PASSOS MANUEI, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero teleg. em LISBOA, 605—PORTO, 117.

Comprem as Sederias

Schweizer



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: *Crêpe de Chine, Eolenne, Voile, Foulards, Messaline, Mouselins* 12) em largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e cor, bem como das bluzas e vestidos bordados em batista, lã, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porto no domicilio

Schweizer e C^a, Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedores da Corte.



YT. SIT. OMNIBVS. DOCUMENTO. P. P. D.

CRONICA

A cidade de Lisboa está em festa. Glorifica-se neste momento a poesia que melhor sabe incarnar o sentimento nacional. Glorifica-se a obra que melhor com esse sentimento se constituiu. Glorifica-se o velho Portugal, o Portugal das cinco chagas e dos sete castelos—que se espelha para sempre nos aretes doutros de Alentejo e que, até hoje, não resurgiu ainda.

Mol vos aos países que vivem apenas das suas tradições,—a que não sabem rejeitá-las. Mol vos aos que arrastam, aos que destroem, aos que desastam,—a que não tem força nem fé para resistir de novo. O culto da tradição é ainda uma religião de vida nacional. Alargar os olhos a outros países para um passado de glórias é receber a sombra d'uma glória viva. E Lisboa já, neste instante, d'olhos fechados, palpava intencionalmente o povo onde o povo brada, tráfega e insulta; onde se entrecruza o ferro aspero das coxas de batalha; onde as flammas vermelhas das naas das

perfumadas de todos os laranjais de Portugal. A esta hora, Lisboa é esse livro de glórias, que recorda e nutre,—que é ainda uma mancha de o formoso a ler. É o reconhecimento religioso de todos os portugueses basta a figura nobre d'um poeta, igual a Cervantes no génio e na destreza, a quem foi dado o supremo e formidável poder de fazer andar deante tres seculos um povo inteiro.

Quem foi esse poeta, afinal? Quas, ao certo, os ardeles da sua vida de violento, de azedo e de indisciplinavel? Que verdade existe na figura ruiva do Trincado, de gibbo negro e de pojeira encovada, blasphemando de uma sempre de poeta sobre pedras verdes, e varrendo, de espada em punho, a praça de S. Paulo? Quas os episódios das suas aventuras,—em cuja trama doada passava os olhos verdes d'uma prisioneira de Portugal? Qual a historia da sua vida,—em que uns frades roncados de S. Domingos amortalham a um lençol odo da condão de Vitorino o



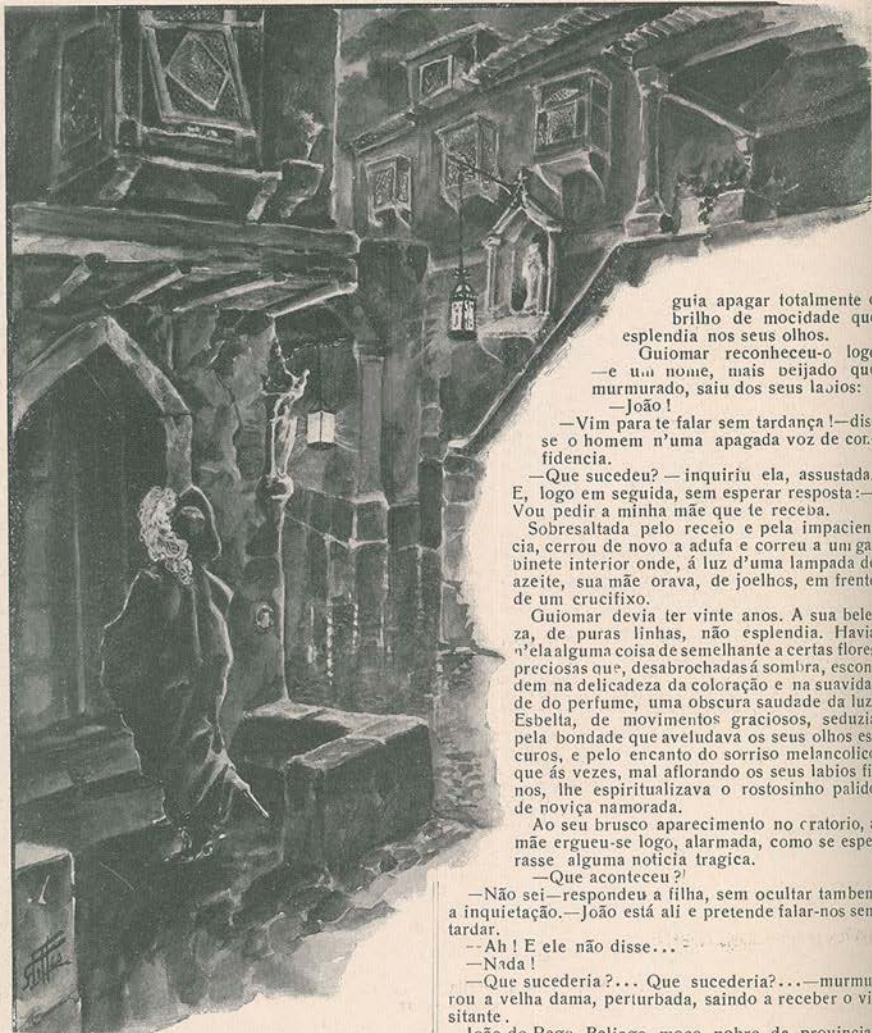
palmas, das caraculas da India palpita e estremece uma atmosfera d'ouro; onde, no rumo de boques angraes, as deusas vitoricas à volúpia portugueza corpez branzas de mulheres macronas; onde intrinseca e clingram favelas barbaças; onde cantam violas d'arcanos; onde Vitorino, onde Inez chora,—e onde, por entre as laudas erigidas das hostes de Non-Alvarez, por entre as frestas de uma praça das caraculas de Noyres, passa, ciciando, a arrojada

ator poeta de todas as Hespanhas? Não se sabe, ao certo, quem ele foi. O que se sabe é que o nosso culto, três vezes seculos, que ele seja a mais nacional de todos os poetas e o mais portuguez de todos os corações que tem palpado em Portugal.

JULIO DANTAS.

ILUSTRAÇÃO DE MANUEL GUSTAVO.

A NOIVA DO CONJURADO



Ao anoitecer do ultimo dia de novembro de 1640, em uma pequena casa sobradada, contigua ao palacio do Marquez de Marialva, uma mulher cerrava sem ruido as acafas d'uma janelinha estreita, quando lhe pareceu ouvir o seu nome, n'um discreto e implorativo apelo:

— Guiomar!

Hesitante, deteve-se um momento, a mão esquecida no fecho; depois, de mansinho, tornou a a rir a adufa—e, pela fissa entreaberta, espreitou cautelosamente.

Em baixo, na calçada, um homem envolvido em uma capa, que a ponta do espadim levantava, surpreendeu-o com um sorriso, o seu olhar curioso. A sombra d'um largo feltro de mosqueteiro tornava-lhe quasi indistintas as linhas do rosto, mas não conse-

guiar apagar totalmente o brilho de mocidade que esplendia nos seus olhos.

Guiomar reconheceu-o logo —e uo nome, mais beijado que murmurado, saiu dos seus labios:

—João!

—Vim para te falar sem tardança!— disse o homem n'uma apagada voz de confidencia.

—Que succedeu? —inquiriu ela, assustada. E, logo em seguida, sem esperar resposta:— Vou pedir a minha mãe que te receba.

Sobresaltada pelo receio e pela impaciencia, cerrou de novo a adufa e correu a um gabinete interior onde, á luz d'uma lampada de azeite, sua mãe orava, de joelhos, em frente de um crucifixo.

Guiomar devia ter vinte anos. A sua beleza, de puras linhas, não esplendia. Havia n'ela alguma coisa de semelhante a certas flores preciosas que, desabrochadas á sombra, escondem na delicadeza da coloração e na suavidade do perfume, uma obscura saudade da luz. Esbelta, de movimentos graciosos, seduzia pela bondade que aveludava os seus olhos escuros, e pelo encanto do sorriso melancolico que ás vezes, mal aflorando os seus labios finos, lhe espiritualizava o rostosinho palido de noviça namorada.

Ao seu brusco aparecimento no cratorio, a mãe ergueu-se logo, alarmada, como se esperasse alguma noticia tragica.

—Que aconteceu?

—Não sei— respondeu a filha, sem ocultar tambem a inquietação.—João está ali e pretende falar-nos sem tardar.

—Ah! E ele não disse...

—Nada!

—Que sucederia?... Que sucederia?...—murmurou a velha dama, perturbada, saindo a receber o visitante.

João do Rego Beliago, moço nobre da provincia, tinha vindo doisanos antes para Lisboa com seu pae, e com ele fóra iniciado, pouco depois, nos segredos da conspiração que lentamente se urdia para libertar a patria de Nun'alvares das mãos avidas de Filipe de Castela. Um dia, perdido entre a multidão que festejava as figurias carnavalescas da procissão do Corpus-Cristi, vira Guiomar—e tudo n'ello enfeiticára, desde a gravidade hieratica da compostura á suavidade do olhar. Na deandada da festa, seguira-a de longe, com recato; mas, quando procurou saber quem ela era, nada mais pôde obter que informações sem base, meias palavras de intenção duvidosas, que velavam de misterio a origem da linda creatura. A mãe, D. Isabel Pacheco, era uma dama bem nascida, segundo se dizia, afilinda do velho conde de Cantanhede, e com parentes poderosos em Lisboa; mas, com respeito ao pae, ninguem sabia se ele era moiro ou

cristão, mecânico ou filho d'algo. Apenas D. Agostinho Manuel, cuja mordacidade era proverbial, lhe havia dito:

— Em minha opinião, a mocinha é filha de algum frade cruzado. Aquilo é obra muito perfeita para não ter sido acabada com devoção e vagar em cela de frade rico!

Estas ambiguidades e incertezas apagaram durante alguns dias, no pensamento de João Beliago, o perfil da linda Guiomar; mas depois, pouco a pouco, como a água d'uma levada que perenemente corre sobre a mesma penha, o amor, aumentando, poliu as arestas do seu pensar, desembarçou-o de escrúpulos e temores. Guiomar, pela primeira vez cortejada, pela primeira vez amou. O casamento, vencidas todas as dificuldades, pactuou-se em Agosto de 1640, mas João Beliago, que logo confiou á noiva o segredo da conspiração e receava perder a vida ou a liberdade n'essa aventura patriótica, impoz a condição de se adiar a cerimonia até que a revolução tivesse restituído Portugal aos portuguezes.

Por isso, sabendo que o golpe preparado pelos conspiradores estava imminente, foi com o maior alvoroço



que as duas mulheres acolheram a imprevista visita do moço n'aquella noite de novembro. E ambas estremeceam de esperança, ou talvez de receio, quando ellas, cerradas todas as portas, lhes segredou:

— E' amanhã!

— Jesus! — exclamou a velha dama, juntando as mãos.

— Emfim! — disse Guiomar, com um clarão de fé no olhar.

— Eu pertencço ao grupo que tem de atacar a guarda castelhana... Está tudo bem concertado. A vitória deve ser nossa!

— Quem sabe!... — murmurou D. Isabel, apreensiva.

— Se não fôr, Deus se amerceie de nós!... — E com a voz dorida: — Será o fim: o fim da vida, o fim da patria!...

— Deus não pode permitir tal! — exclamou Guiomar, angustiada pela lembrança de que poderia desaparecer n'um luto, todo o seu sonho de felicidade. O olhar de João Beliago brilhou, outra vez confiante.

— Não! — disse ele. — Deus não pode permitir tal! Amanhã, por estas horas, já estrebuchará nos infernos a alma negra de Miguel de Vasconcelos!

D. Isabel sobresaltou-se:

— Que? ! Ides matá-lo?...

O moço teve um gesto de abandono:

— Está condenado. Foi o unico. Devia acompanhá-lo

o arcebispo de Braga, mas a esse salvou-o o sagrado do seu ministerio...

— Matar! Matar! — tornou a mãe de Guiomar. — Que mal vos fez esse homem?

— Oh, mãe!

— Que mal nos fez Miguel de Vasconcelos?... Acaso o ignorais vós?... Ninguém ha em Portugal que não tenha sentido na honra ou nos haveres a sua mão de carrasco!

— Outros fizeram o mesmo! Pedro Barbosa, para lhe darem em seguida morte afrontosa... Miguel de Vasconcelos não é um mau homem; é um filho que vingou seu pae!

— Atentae, senhora, que estaes defendendo um traidor!

O moço conjurado, quando uma hora depois deixou a casa da sua noiva, levava o coração confrangido por um oppressivo receio. A vivacidade com que D. Isabel tinha defendido o secretario do Estado, era de molde a impressional-o n'aquella hora critica. E de si para si pensava que essa creatura misteriosa, vivendo tal vez do bem fazer da Casa de Marialva, podia muito bem ser uma das espias que o odiante renegado mantinha nas antecamaras da nobresa, á custa do ouro de vexatorias exações. E despedindo-se de Guiomar, já entre os batentes da porta, achou ensejo de lhe segredar:

— Vela por tua mãe!

Velar por sua mãe! Guiomar, a principio, não attingiu o alcance d'esta prevenção singular. — Sua mãe estaria ameaçada de algum perigo?... Pensativa vagamente perturbada pelo mysterio d'aquellas pala-

bras, reentrou na quadra principal, onde a velha dama ficára — e já entreabria os labios para lhe pedir a explicação dos dizeres de João Beliago, quando aotentiar n'ela, que jazia sobre uma Marquezia, abatida, sombria, como vergada ao peso de uma desgraça irremediavel, teve a intuição da verdade! O seu noivo cria sua mãe capaz de o atraícoar!

Este pensamento revoltou-a; comtudo, acariando D. Isabel, procurando consolar uma dor que não compreendia, sentia no fundo do seu pensamento um espinho de pungitiva duvida. Mais

tarde, já deitada, em vão tentou, durante muito tempo, esquivar-se, n'um sono tranqüilo, ao espectro d'aquella suspeita. As palavras do noivo soavam lhe sempre aos ouvidos, como o rumor de um vôo de ave agoureira.

Já os sinos dos conventos tocavam a matinas, quando conseguiu adormecer. Mas foi breve e inquieto esse sono — e ao despertar, sobresaltada, como se fugisse a um pesadelo, creu vêr o vulto da sua mãe deslizar através da camara comum, e desaparecer, rapido, na porta do corredor. Um brado irrefletido saiu da sua bocca:

— Minha mãe! Senhora!

E, descalça, vestida apenas pelo alvo linho da sua camisa da noite, insensível ao frio da manhã, correu atraz da velha dama. Alcançou-a quando ella, no fundo da escada cheia de sombra, já fazia girar com precaução a chave da porta da rua.

— Minha mãe, minha mãe, aonde ides?...

A surpresa paralisou D. Isabel. Furtando os olhos ao olhar da filha, perguntou, aturdida:

— Onde voh?... — Depois, já vencida a comoção do primeiro instante, acrescentou com severidade:



—Que proposito é esse? Que vens aqui fazer, quasi despida?

Sem lhe responder, Guiomar juntou as mãos n'um gesto de supplica:

—Minha mãe, senhora, não faças tal! Vós ides perdê-lo! E, se o perdeis, mataes-me! E' vossa filha que mataes!

A velha empalideceu, como se um frio de morte a gelasse—e, ereta sob o seu vestido de luto, a mão ainda imóvel na chave da porta, dir-se-ia uma ré petrificada por uma sentença sinistral.

Fôra, sob o céu cristalino da linda manhã de inverno, um sino começou a tocar na torre do Loreto. A mãe de Guiomar como que despertou então do seu sonho de dôr e assombro; debilmente, n'uma voz que a comoção apagava, murmurou:

—E' á missa que eu vou... orar por todos!

Rápida, ainda inquieta, a filha voltou:

—Levae-me comvosco, como costumaes. Por todos orarej também.

—Sim, por todos... —repetiu a velha sonambulamente. Depois, sem fitar a filha, acrescentou:—Vestete e vem.

Já o sol brilhava, em plena gloria, livre das nevoas matinaes, quando as duas mulheres entraram na egreja do Loreto. No altar, um padre erguia a hostia consagrada. Elas, surpreendidas pela cerimonia, logo se prosternaram nas lages da entrada, em uma humilhada e contrita renuncia de todos os seus pensamentos e desejos.

Quando a missa findou, subiram lentamente, por entre os devotos que saíam, até junto do altar-mór; e ahi, sem trocarem uma palavra, longo tempo oraram, de joelhos, com redobrado fervor. Uma nova missa commença já—e o celebrante, immobilizado na posição do ritual, meditava o evangelho, quando de subito um confuso rumor de vozes encheu toda a egreja. Perto das duas mulheres, uma velha, alçando sobre a gola do capote um malefico carão de bruxa alucinada, gritou:

—Jesus! Senhor nos valha, que anda fogo na egreja!

Esse grito, logo repetido, alarmou instantaneamente toda a multidão que enchia o templo. A confusão foi assustadora. O padre, atingido também pelo rastilho do pavor, interrompeu a missa e abandonou o altar, a correr, sofrendo a alva. Quando a quando, do meio da turba que se premia, escoando-se pela porta do fundo entre lutas atrozés, um grito irrompia: era a onda humana que esmagava insensivelmente creanças, velhos e mulheres, todos os fracos, n'essa ferina arde de salvamento. Alguns conheciam talvez a verdadeira causa do alvoroço—mas, sob a pressão d'aquelle ambiente de catastrophe, duvidavam de si próprios; outros, não vendo indício algum do sinistro anunciado, pediam ordem, clamavam que não havia perigo, mas não cediam o passo aos que atropeladamente saíam.

Guiomar e sua mãe acharam-se na rua, quasi inconscientemente, envoltas na onda popular. Perto, sobre um poial, um frade bôrra arengava; mas as suas palavras já mal se ouvia, entre o vozar do povo que se acardunava na calçada. Muitos populares corriam; um movimento de festa, contrastando com o panico do templo, animava a cidade que o sol alto inundava de luz. As palavras «liberdade», «rei», «castelhanos», irrompiam com veemencia de todos os grupos.

Guiomar aproximou-se mais da mãe:

—Que terá succedido, meu Deus!...

D. Isabel não respondeu, livida. De uma travessa proxima, um bando, em que aundavam mulheres e creanças, surgiu subitamente, gritando:

—Viva D. João IV! Viva o nosso rei! Abaixo os castelhanos! Morte aos traidores!

Interditas, as duas mulheres seguiram maquinalmente a turba que, engolfando-se pela porta de Santa Catarina, logo desceu em direção ao Terreiro do Paço. Quando passavam perto da egreja dos Martires, ouviram um pagem responder a um velho timorato que o interpellára do alto de um postigo:

—Sim, sim! A regente já está presa e o Vasconcelos morto! Só falta dar cabo dos castelhanos!

—Misericórdia!—gemeu a mãe de Guiomar, desfalecida por uma vertigem.

De todas as ruas, de quasi todas as casas, gente alvoroçada surgia, descendo precipitadamente para o Terreiro do Paço. Na rua Nova dos Mercadores, um negro, agitando os braços, espalhou a noticia de que se haviam rendido os castelhanos que guardavam o castelo de S. Jorge.

—Ouvistes, minha mãe?... O céu protegeu-os!

A velha não respondeu. Palida como um espectro, deixava-se levar pelo braço da filha, em meio da multidão excitada.

Chegaram á porta da Ribeira, todos se detiveram. Um fidalgo de armas rutilantes, montado em um cavallo de ricos jaezes, transpunha-a n'aquelle momento, em meio das aclamações de um numeroso sequito. O estandarte real portuguez, alçado pela sua mão, tremulava livremente no ar. Era D. Alvaro de Abranches, que partia a anunciar ao povo de Lisboa a nova da sua libertação.

—Viva D. João IV, legitimo rei de Portugal!—clamava ele, quando a quando.

—Viva! Viva! Liberdade!—era o vozear incessante da multidão embriagada pela gloria d'aquella manhã.

Quando Guiomar e sua mãe, algum tempo depois, penetraram no Terreiro do Paço, notaram logo um ajuntamento de povo que, com risos, palmas e aclamações, se agitava em um dos lados da praça. Era um magote de esfarrapados, moços da ribeira, calafates, marujos, homens, mulheres e creanças que tinham vindo de roldão dos bairros miseraveis, excitados pelo prazer de amotinarem impuneamente a cidade. Todos eles se premiam em torno de um escravo moiro que, meio embriagado, cantava e trejeitava, como n'um batuque, desfigurando o carão tostado em monices selvagens.

Quando as duas mulheres se acercaram do grupo, atraídas por uma curiosidade inexplicavel, o moiro, cuja cabeça bambolante e truanesca se elevava acima de todos aqueles que o rodeavam, suspendeu o seu cantar—e, lisongeadado talvez pela presença d'aquelas damas de parecer nobre, estendeu para elas o braço magro, lanhado de cicatrizes, oferecendo-lhes uma mecha de cabelos grisalhos:

—Só meia paltação, senhoras! Dá mais fortuna que o signo-saimão!

A turba, áquelle gesto, desagregou-se, abrindo passagem ás damas, com ironica e irreverente solicitude. Mas logo um grito se escapou da boca de D. Isabel. Acabava de vêr, sob os pés nús do escravo, um corpo humano, mutilado, crivado de feridas de onde um sangue grosso gotejava ainda. O moiro, vendo-a qu' si desfalecida, riu, mostrando os dentes brancos, como um animal feroz. Guiomar, contrariada também pelo espetáculo horrivel, perguntou a uma mulher:

—Quem é?

—E' o renegado! Miguel de Vasconcelos!

E o moiro, que ouvira, recomeçou a saltar sobre o cadaver, cantarolando:

—E' o meu senhor! E' o meu senhor! Agora já me não torna a dar chicot das!

—Nem a vender a nossa pele aos castelhanos!

—Cão!

—Traidor!

E a multidão, desvairada, caiu de novo sobre o cadaver, aos pontapés. Um cão latiu, atropelado pelos mais violentos—e logo um moço da ribeira, colhendo-o pelo cachaço, o lançou contra o morto, açulando-o.

As duas mulheres fugiram, apavoradas; mas D. Isabel, revoltando-se, ainda clamou:

—Canalhas! Canalhas!

Guiomar conteve-a, intimidada.

—Minha mãe, cuidado; não vos ouçam!... Aquilo é horrivel; mas Deus o quer... E' a expiação!...

O olhar da velha fiseou:

—Tu defendes os algozes, tu?... Sabes quem era aquele homem ensanguentado e injuriado pela população?... Sabes quem era o renegado, o traidor, o vendido?... Sabes?..

E como a filha a fitasse, assombrada por aquella crise de demencia, concluiu:

—Era teu pae!

D. JOÃO DE CASTRO.

Pregões de Lisboa

AS LEITEIRAS

Lisboa de pregões sonora e linda,
Lisboa de pregões linda e sonora,
Frases cantantes de saudade infinda,
Vozes que a chama d'alegria cõra.

Os pregões de Lisboa—cantilena,
Notas confusas de pregões sem fim,
Alguns chorosos, trémulos de pena,
Outros vitrando em notas de clarim.



Duas simples palavras sem enfeite
—Mas n'uma voz de tal suavidade!—
A adorável meiguice do «iá leite!»
Adorável de graça e de saudade.

Quem tão doce pregão cedo apregoa
N' a rua triste, quasi sem ninguém?
E' a varina, a leiteira de Lisboa,
De pés bem feitos, nús, pisando bem!

Como é graciosa e linda!... E com que planta
Corre essas ruas de Lisboa inteira.
Tem raça grega—é neta d'Atalanta,
Essa escultura viva, essa leiteira!

MARTINHO DE BREDERODE.

A FESTA DA CIDADE DE LISBOA



Começaram as festas da cidade. Vestem-se de alegrias as suas ruas; milhares de lampadas electricas cintilam nas suas avenidas e nas aguas dos artisticos lagos da sua principal praça, outras refletem as cores nacionaes n'uma apoteose.

Por toda a parte o entusiasmo esfuzia; de todos os bairros se desce para as grandes arterias, para essa avenida, formosa e larga, para as ruas da Baixa, para o Rocio engalanado onde as musicas passam e os forasteiros param na admiração do que se desenrola á sua vista.

A Lisboa trabalhadora de sempre vestiu-se de galas para celebrar a sua festa; largou as occupações para honrar os seus hospedes que a ficam cobrindo assim brilhante, bizarra e tumultuosa com os seus cortejos alegoricos, as suas comemorações, os seus monumentos afestoados.

Como ha anos, Paris, e ha pouco Rennes, Lisboa tem a sua festa, abre-se aos que a visitam garrida, com as suas belezas naturaes, paramentada com as pompas, linda e gracil como uma linda mulher, sorrindo, coberta de flores, aos que chega « ante a fama da sua beleza e da sua hospitalidade.

Os formosos dias do mez de junho em que a natureza é bela e Lisboa tem ceus sem igual, foram escolhidos para essa recepção dos convidados de todo o paiz que, sob a abobada azul como sob um patio de caricia, gosarão das delicias das festas cheias de encanto e de largas aspirações para a terra onde Camões, o grande épico nacional, nasceu, onde sofreu e

onde se celebra no meio das apoteoses que decorrem cheias de brilho, de jubilo e d'entusiasmo.

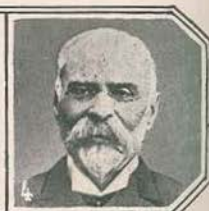
O monumento a Camões, o grande poeta nacional, que se celebra pelas festas da cidade.

LISBOA INDUSTRIAL



OS CORPOS GERENTES DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL:
 1. Sr. Alfredo da Silva.—2. Sr. Carlos Alfredo da Silva, presidente.—3. Sr. Ramiro Leão, vice-presidente.—4. Sr. Carlos Alberto d'Almeida.—5. Sr. José Cândido Correia.—6. Sr. Vitor Marat d'Ávila Pares.—7. Sr. João José Diniz.—8. Sr. Delfim Castanheira.
 9. Sr. Francisco Otero e Salgado.—10. Sr. J. d'Oliveira Simões.—11. Sr. Joaquim Pessoa.—12. Sr. Artur G. Cruz Alagôa.—13. Sr. R. J. Cotrim da Cruz.—14. Sr. dr. Silva Amado.—15. Sr. Justino Guedes.—16. Sr. José Maria Alvares.—17. O edifício da rua de S. Roque, em cujo 1.º andar está instalada a Associação Industrial.

Escolas e Liceus de Lisboa



OS DIRECTORES D'ESSES ESTABELECIMENTOS DE ENSINO:

1. Sr. Moraes Sarmento, da Escola de Guerra.
2. Sr. José Nunes da Mata, da Escola Naval.

3. Dr. Carlos Belo de Moraes, da Escola Médica.

4. Sr. Verissimo d'Almeida, do Instituto de Veterinaria.

5. Sr. José Antunes Pinto, do Instituto de Agronomia.



11. Sr. Tomaz da Fonseca, da Escola Normal.

12. Sr. Pina Vilal, da Faculdade de Ciências.

13. Sr. dr. Alfredo Benasute, do Instituto Superior Technico.

14. Sr. Claro da Roca, do Liceu Cambões.

15. Sr. D. Filomeno Leoni, do Liceu Maria Pia.



6. Sr. dr. Queiroz Vellozo, da Faculdade de Letras.

7. Sr. dr. Silva Toles, da Escola de Medicina Tropical.

8. Sr. dr. Julio Dantas, da Escola de Artes de Representar.

9. Sr. Francisco Baía, da Escola de Musica.

10. Sr. José Luiz Monteiro, da Escola de Belas Artes.



16. Sr. dr. Alberto Machado, do Liceu Passos Manuel.

17. Sr. dr. Sá e Oliveira, do Liceu de Pedro Nunes.

18. Sr. Marques Leitão, da Escola Industrial Marquez de Pombal.

19. Sr. João Vaz, da Escola Industrial e Afonso Domingues.

20. Sr. João de Brito, da Escola Industrial Machado de Castro.



A Camara Municipal de Lisboa

A iniciativa das festas da cidade partiu da comissao administrativa municipal que, d'uma maneira brilhante, alevou a efeito, convocando para o seu desenvolvimento os que, com as suas luzes, o seu talento, a sua influencia, podiam contribuir para



do o seu esforço, cada corporação oferecendo o seu prestimo, cada classe contribuindo com a sua força para que, durante oito dias, Lisboa, a garrida cidade que o Tejo refresca e embeleza, fosse como um paraizo onde não houvesse um momento

Os antigos paços do concelho incendiados em 19 de novembro de 1863, tendo-se salvo o piso terreo onde estava o arquivo da Camara e as casas fortes do Banco de Portugal que continham n'essa occasião valores para cima de 25.000 contos. Fotografia pertencente ao sr. J. Eusebio dos Santos.



A COMISSÃO MUNICIPAL DE LISBOA QUE PROMOVEU AS FESTAS DA CIDADE

1. sr. Apolinario Pereira; 2. sr. dr. Avacio Furtado; 3. sr. or. Jaime Salazar de Souza; 4. sr. João Crimber Postani; 5. sr. Guilherme Saraiva Lima; 6. sr. Antonio Alves de Mota; 7. sr. del. Correia Barreto, presidente; 8. sr. Ricardo Covões; 9. sr. Arthur Cohen; 10. sr. Francisco Carlos Parente; 11. sr. Manuel Pereira Dias; 12. sr. Antonio José Correia; 13. sr. J. M. Alves Torgo—(Cliché de Resal).

chamar todos os atractivos que a engalanassem e a tornassem ainda mais sedutora.

Juntaram-se os commerciantes e os artistas, os industriaes e as autoridades, os homens de «sport» e os musicos, cada coletividade trazem-



Os atuais paços do concelho.

de aborrecimento, onde os olhos encontrassem encantos, além dos naturaes, para admirar.

Era necessario que os milhares de forasteiros convocados para a capital saíssem d'ela com a convicção de que tudo quanto lhes fora prometi-

A comissão das festas da cidade



1. Sr. dr. José Pontes.—2. Sr. José Julio Correia da Silva.—3. Sr. José Sarmiento.—4. Sr. Artur Tavares de Melo.—5. Sr. Alexandre Ferreira.—6. Sr. Mannel Dias Pereira.—7. Sr. Augusto Pina.—8. Sr. Julio Cardona.—9. Sr. dr. Alfredo da Cunha, vice-presidente da comissão.—10. Coronel sr. Correia Barreto, presidente da comissão.—11. Sr. Francisco Barreto, tesoureiro da comissão.—12. Sr. José Alexandre Soares.—13. Sr. Rodrigues Simões.—14. Sr. Inacio Peixoto.—15. Sr. Albino José Batista.—16. Sr. Ricardo Covões.—17. Sr. Luiz Cardozo.—18. Sr. Manuel Joaquim dos Santos.—19. Sr. Eduardo Franco.

Aspétos pitorescos de Lisboa

do excedera ainda a sua fantasia, e para isso era necessario não descurar um instante os preparativos, não parar um momento, devotarem-se d'alma inteira a essa tarefa que devia resultar esplendida, magnificente.

Foi esse o trabalho da comissão administrativa mu-



nicipal, auxiliada pela grande comissão executiva dos festejos na qual foram representados todos os ramos sociaes, havendo n'ela delegados de quasi todas as coletividades e no meadamente das associações desportivas.

O projeto começou por ser um sonho



1. A parte oriental da cidade, um aglomerado pitoresco dos morros do Castelo, Graça e Monte. (Cliché tirado do jardim de S. Pedro d'Alcântara)—2. Um trecho do jardim botânico d'Ajuda—3. O jardim de S. da Bandeira, no Aterro—4. O castelo de S. Jorge, o onde existe a porta de Martin Moniz por onde os portugueses entraram em Lisboa, visto de S. Pedro d'Alcântara.



1. Do alto do zimbório da Estrela: O panorama do rio—2. O aqueduto das Águas Livres, que abastece uma parte da cidade, vendo-se trechos da ribeira d'Alcantara sob os seus arcos colossaes—3. Um trecho da cidade fotografada do alto do zimbório da Estrela.

complicado que dentro em pouco se aplanou, se tornou claro.

Cada um encarregou-se da sua parte, pen-

sou em levá-la a efeito, desde os concursos aos cortejos, desde as feerías dos fogos de artifício ás visitas ás maravilhas da cidade.

LISBOA ANTIGA—O Rocio antigo e o atual



ganisava-se o sarau camoneano ao qual se destina a grande sinfonia do compositor Rui Coelho e que será cantada por quinhentas vozes no palco de S. Carlos, sob a regencia de Antonio Joice, sendo a orquestra dirigida por Pedro Blanch.

E' esta uma das partes artisticas mais interessantes do programa, assim como a audição do Hino da Cidade, com que se celebra esta iniciativa brilhante da qual virão para a capital grandes resultados praticos.

O Rocio antes de ter sido levantado o monumento a D. Pedro IV

Não se hesitou. Cada idéa que chegava era recebida com entusiasmo e desde logo se tratava de pôr em pratica.

A' organização dos espetaculos presidiu um grande criterio. Para dar a Lisboa a impressão do pitoresco do paiz, das suas canções regionaes e bailados typicos foram contratados ranchos de cantadeiras para se exhibirem na bela moldura de flôres do vasto parque Eduardo VII. Ao mesmo tempo que se procurava esta curiosa nota popular, or-



2. O Rocio no dia do casamento do rei Luiz, tendo sido colocada ao centro, como embelezamento, uma colun (Fotografias pertencentes ao sr. J. Eusebio dos Santos).

3. O Rocio moderno com a sua apparencia vistosa, a estatua e os lagos.

○ antigo passeio publico e a Avenida



A casaca que ficava no lado norte do Passeio Publico.

Ninguém se poupou a esforços e de todas as boas vontades reunidas sairá um admiravel conjunto desde as iluminações fantasticas ao cortejo consagrador, desde as exhibições das ruas onde o povo folgará até ás seletas conferencias onde n'um culto todo espiritual se exalta



Um trecho do antigo Passeio Publico.



A rua central do Passeio Publico. — (Clichés pertencentes ao sr. Joaquim Eusebio dos Santos)

na cidade que outros grandes vultos tem dado á historia patria.

No curto espaço d'alguns mezes tudo se deliberou e tudo se vae cumprir.

Tal foi o trabalho digno do maior louvor dos membros da comissão executiva do municipio que d'uma fórma tão bella atrairam as atenções para a capital, trazendo aqui a provincia a sentir toda a paz e toda a prosperidade da terra tornada o berço da Republica.



A Rotunda da Avenida da Liberdade, cujos primeiros troços foram rasgados atravez do Passeio Publico.

a figura de Camões, em volta da qual se fazem estes festejos evocando a sua obra magistral e o seu nascimento



O monumento dos Restauradores á entrada da Avenida da Liberdade.

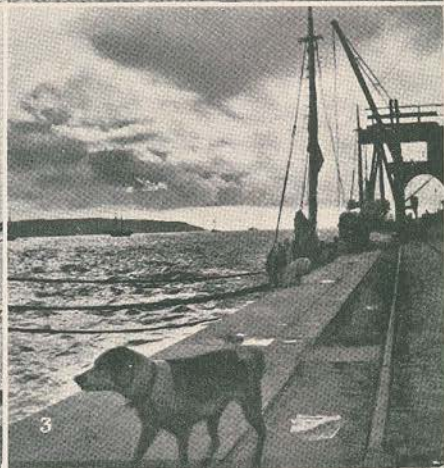
Autoridades superiores de Lisboa



1. Capitão de mar e guerra sr. Emídio Augusto de Carceres Fronteira, chefe do Departamento Marítimo do Centro e capitão do porto de Lisboa—2. O sr. dr. Daniel Rodrigues, governador civil de Lisboa.—3. Sr. João Maria Pereira general comandante da 1.ª divisão, governador militar de Lisboa.

LISBOA ELEGANTE





1. Um aspeto da doca de Alcantara onde se faz o grande trafego de Lisboa.—2. Efeitos de sol e chuva no Tejo.—3. O Tejo agitado. No paredão um dos grandes guindastes do porto.—(Clichés do sr. João de Magalhães)—4. A muralha da doca de Alcantara com o fundo pitoresco da parte da cidade até à Boa Vista, vendo-se no alto a Estrela.

Lisboa Commercial



1. Edifício da Bolsa e do Tribunal do Comercio, ficando-lhe contiguo o da Associação Commercial.

OS CORPOS ORIENTES DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL:

2. sr. Henrique Monteiro de Mendonça, presidente; 3. sr. Antonio Marques de Freitas, vice-presidente.



4. sr. Antonio Belo, 1.º secretario; 5. sr. Albert Macieira, 2.º secretario; 6. sr. Germano Arnaud Furtado, thesoureiro; 7. sr. Inacio Magalhães Basto, 8. sr. Apolinario Pereira, 9. sr. José Pereira Bastos, 10. sr. Carlos Gomes, 11. sr. Vitor Guedes, 12. sr. Luiz Godinho, 13. sr. Ramiro Leão, 14. sr. Manuel Antonio Dias Ferreira, 15. sr. Manuel Joaquim Alves Diniz, 16. sr. Francisco Maria Baellar, 17. sr. Francisco Barreto, 18. sr. Francisco Alfredo dos Santos, vogaes efectivos; 19. sr. Mario de Carvalho, 20. sr. Manuel Botica, 21. sr. dr. Manuel Carøça, 22. sr. Antonio Carlos Simões, 23. sr. Antonio Cardoso d'Oliveira Junior, vogaes suplentes.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS



OS CORPUS GERENTES DA ASSOCIAÇÃO

1. Sr. José de Matos de Bragança. — 2. Sr. Manuel da Fonseca Correia Saraiva, tesoureiro da Associação. — 3. Sr. Pinheiro Melo, presidente. — 4. Sr. Antonio Ferros, 2.º secretario da Associação. — 5. Sr. Caetano Augusto do Rego. — 6. Sr. Joaquim Duarte Ferrão Pires. — 7. Sr. Reinaldo Augusto de Souza. — 8. Edifício em cujo 1.º andar está instalada a Associação dos Lojistas no largo da Abogaria. — 9. Sr. João José da Costa. — 10. Sr. Florindo Cesar de Jesus.

Comissão delegada da Academia de Lisboa junto da comissão das festas da cidade



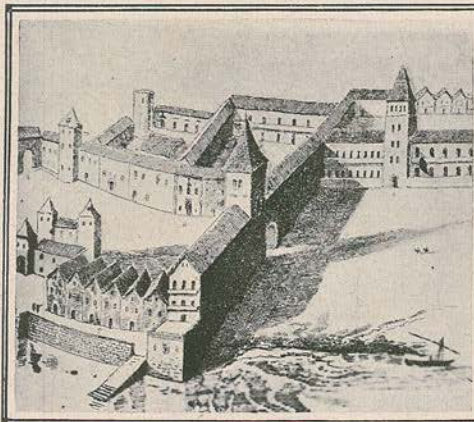
1. Sr. Mario de Aguiar, da Faculdade de Medicina. — 2. Sr. Catão de Menezes Junior da Faculdade de Letras. — 3. Sr. Ferroira Mendes, da Faculdade de Ciências. — 4. Sr. Moisés Amalal do Instituto Superior do Comercio. — 5. Sr. Mario d'Alvarenga, do Instituto Superior de Agronomia. — 6. Sr. Raul Monteiro de Sá,

da Escola de Medicina Veterinaria. — 7. Sr. Alfredo d'Assunção Santos, da Escola Belas Artes. — 8. Sr. Mario Mourão, da Escola Normal. — 9. Sr. Joaquim M. de Macedo, do Liceu Passos Manuel. — 10. Sr. Antonio Ferro, do Liceu Camões. — 11. Sr. Luiz Rebordão, do Liceu Pedro Nunes.



Quadro de Veloso Salgado, alegórico á eleição da Camara Municipal Republicana em 1908.

O antigo e o atual Terreiro do Paço



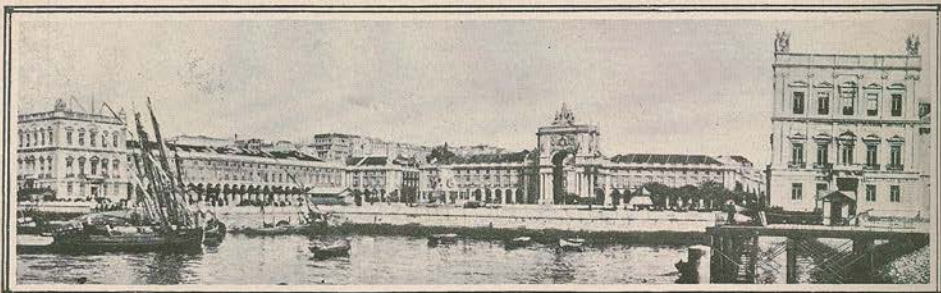
O paço da Ribeira no tempo de D. João III



O paço da Ribeira depois das obras mandadas fazer por Filipe II



O paço da Ribeira e o respetivo terreiro tres anos antes do terremoto que o destruiu.



O aspeto atual do Terreiro do Paço.

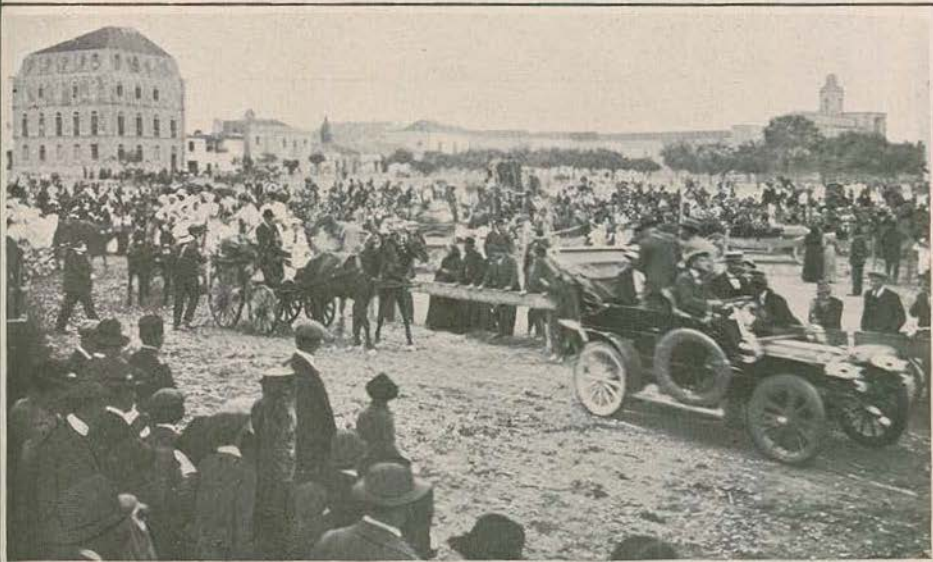
As festas da cidade de Santarem



O carro do sr. Humberto Lopes, premiação na batalha de flores.
(Clichê da fotografia Sequeira)

Santarem também fez as suas festas para o que todos os cidadãos contribuíram na medida das suas forças, dando á histórica cidade, durante uns dias, a exteriorisação de toda a sua pujança e de toda a sua beleza.

Foi como uma revista de forças o que Santarem realizou n'esses belos dias. O seu arrabalde enviou-lhe os carros enfeitados com as alegorias da prospera agricultura; de todos os pontos do distrito outras coisas simbólicas vieram para o



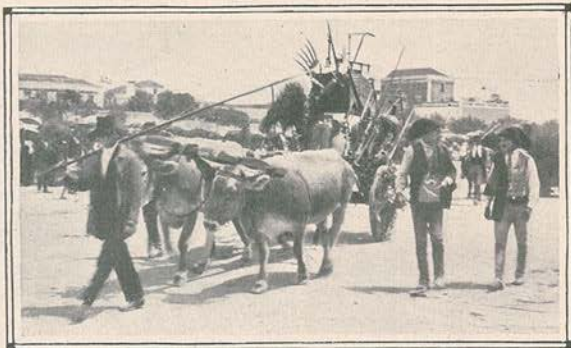
Um aspecto da batalha das flores realisada com um grande êxito.
(Clichê do distinto amador sr. Frederico Aires)



Coreto e ornamentação da praça da cidade quando da ornamentação das festas, plano do sr. Frederico Aires. (Clichê do sr. Joaquim da Moça, distinto fotógrafo amador).

Ornamentação da rua Guilherme d'Azevedo. (Clichê do distinto fotógrafo amador sr. Pinto Bastos).

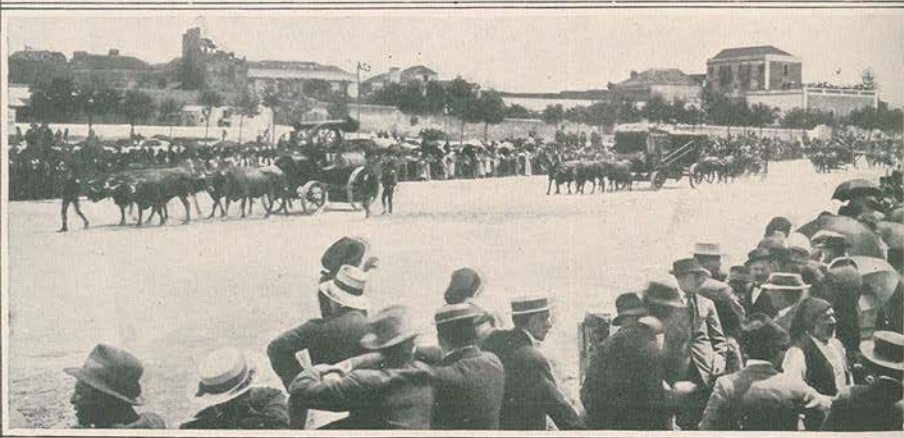
cortejo que atravessou as ruas engalanadas por entre o entusiasmo dos habitantes, os ricos agricultores mandaram as suas maquinas enfeitadas, os estabelecimentos do Estado auxiliaram poderosamente a ini-



Na parada agricola: O carro da Escola Agricola de Santarem.

ciativa e d'este modo de tudo decorreu dignamente, gerando prosperidades novas ao atrair ali a concorrência d'outras partes.

As festas terminaram com uma encantadora batalha de flores.



Um aspecto da parada agricola quando desfilavam os carros e as maquinas da casa Cadaval. (Clichê do sr. Frederico Aires).

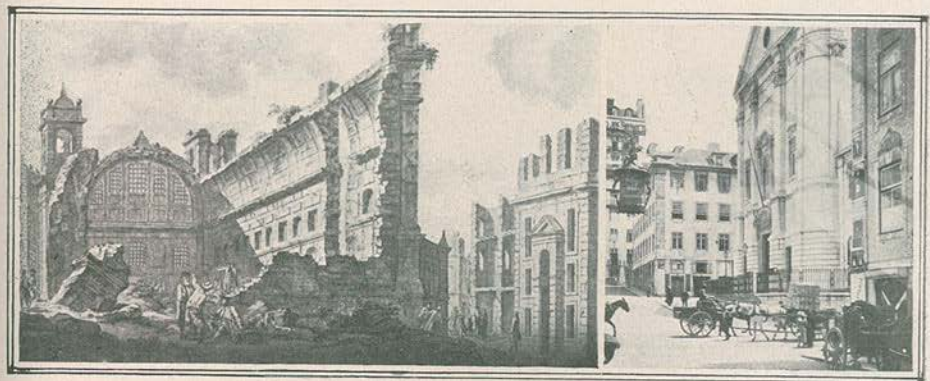
Grandes ruínas do terremoto de Lisboa e reconstruções



1. A Sé derrocada pelo terremoto de 1755.—2. A Sé reedificada, estando a concluir-se os trabalhos da modificação das suas torres começados por Fuschini e continuados pelo arquiteto sr. Alvaro Machado.



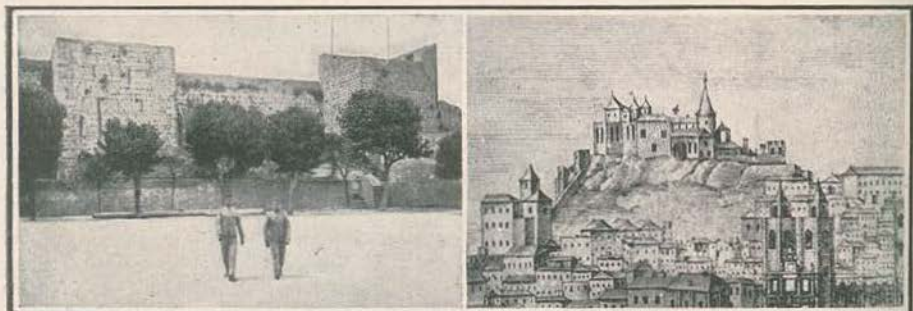
Ruínas da igreja de S. Paulo junto da Moeda, onde as sentinelas ficaram guardando o dinheiro enquanto os muros altavam.—4. A actual igreja de S. Paulo no mesmo local.



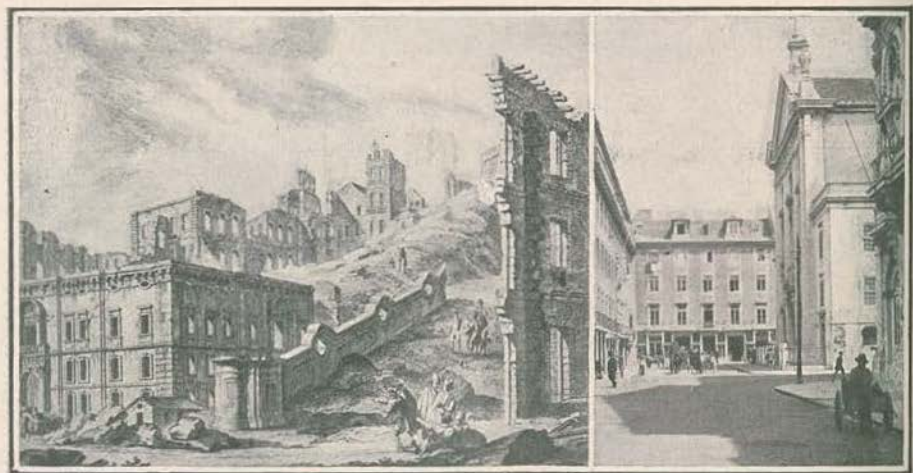
5. A igreja de S. Nicolau na volta do largo dos Torneiros, em ruínas.—6. A actual igreja de S. Nicolau.



1. A praça das armas do Castelo de S. Jorge, vista das muralhas.—2. A celebre porta de Martin Moniz por onde os portuguezes entraram em Lisboa para a tomada aos mouros, dizendo a lenda que Martin Moniz se atravessára na porta da fortaleza a dar tempo aos seus para penetrarem na praça.



3. As atnaes muralhas do Castelo.—4. A Alçaçova, palacio real no lugar onde é o castelo de S. Jorge e que um terremoto derruiu no reinado de D. Manuel I.



5. A praça da Patriarcal destruida pelo terremoto de 1755.—6. O largo do Municipio, lugar occupado outr'ora pela praça da Patriarcal destruida pelo terremoto.

CHEFES POLITICOS PORTUGUEZES



1. O sr. dr. Afonso Costa, chefe do partido republicano portuguez e chefe do governo, no seu gabinete do ministerio das finanças.
2. O sr. dr. Antonio José d'Almeida, chefe do partido evolucionista e diretor do Republica, no seu gabinete de trabalho, na sua casa da rua de S. Gens.



3. O sr. dr. Manuel de Brito Camacho, chefe do partido unicasta, na galeria do palacio Azambuja, onde está instalado o jornal *A Luta* de que é diretor.

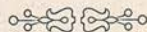
4. O heroe da Rotunda, o capitão de mar e guerra sr. Machado Santos, diretor do *Insanigante*, á porta do café Martinho.

5. O illustre escritor sr. João Bonança, autor da *Historia da Lusitania e da Iberia*, chefe do partido Integridade Republicana, no gabinete da sua casa da rua do Ferregal.

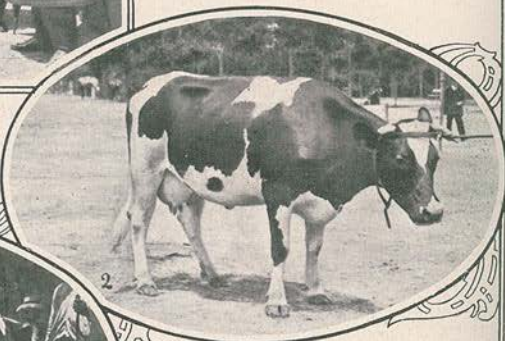
O concurso de gado turino



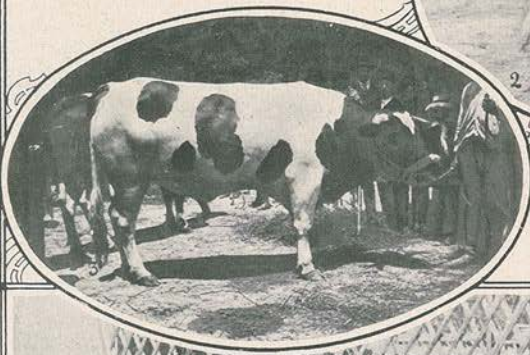
O concurso anual de gado turino no Campo Grande, promovido pela Associação de Agricultura, atraiu este ano uma grande quantidade de exemplares, entre eles alguns dos principaes creadores d'estas especies a que foram conferidos valiosos premios.



O sr. dr. Manuel d'Arriaga, presidente da Republica, falando com o sr. dr. Oliveira Peijão, presidente da Associação de Agricultura



2. O 1.º premio de vacas holandezas, exemplar pertencente ao sr. Castanheira de Moura.
3. O 1.º premio de touros turinos, exemplar pertencente ao sr. Frederico Canas.



Os elegados da Associação de Agricultura e membros do jury e alguns dos convidados assistindo ao concurso. (Fichês Bevolich).

Figuras e Factos



O lente jubilado, sr. João Jacinto da Silva Correia, que foi uma das glorias da faculdade de medicina da Universidade e faleceu em 29 de maio.



O sr. dr. May Figueira, um dos mais illustres medicos portugueses, lente jubilado, de medicina, que foi uma das figuras de maior destaque no nosso meio-cientifico e elegante e faleceu em 28 de maio.



O general sr. dr. Ednardo de Jesus Teixeira, distinto medico militar que deixou a reputação de abalizado clinico e faleceu em Coimbra em 29 de maio.



Sr. Gaspar Borges Corvina, abastado comerciante da nossa praça, pae do sr. dr. Corvina Moreira falecido em Lisboa em 30 de maio.



Nos jardins de madame Lithogow, na rua d'Arriaga: Parte da assistencia aos exercicios dos boy-scouts d'Hastings)



Os boy-scouts d'Hastings em Lisboa: Depois dos exercicios no jardim de madame Lithogow.



O JURAMENTO DE BANDEIRAS NO QUARTEL DE MARINHEIROS (Cliché de Brudell)
No momento do juramento de bandeiras: O presidente da Republica, o chefe do governo, presidente da Camara dos Deputados, ministro da marinha e o comandante da guarda republicana na ocasião do juramento de bandeiras.

No Salão da Instrução Portuguesa



discipulas no Salão da Instrução o que fez d'esta vez com um grande brilho, tendo sido cumprido o programa. Também as discipulas de bândolim e de viola do conceituado professor, sr. Manuel Gomes, se apresentaram á seleta assistência, executando trechos dos mais belos, desde a aubade «Pour Eveiler Colombines», acompanhada a piano, até á «Dame de Dora», uma agradável e mimosa fantasia que foi, como todo o concerto, muito aplaudida.

1. O grupo de alunas da professora, sr.^a D. Lucila Moreira. No 1.^o plano, sentadas, da esquerda para a direita: Mesdemoiselles Phedra Correia, Greta Stern, Marildia Andrade, Raquel Seixas Correia, Layde Moreira, Jenny Stern, Ema Marçal, madame Palmira Amado Castelo Lopes e madame Lucila Moreira.
2. O grupo d'alunas do professor, sr. Manuel Gomes. No 1.^o plano, da esquerda para a direita: Mesdemoiselles Guiomar Ferreira da Cunha, Maria José Pereira Rodrigues Guiomar Cunha, Carlinda Ferreira da Cunha, sr. Manuel Gomes, mesdemoiselles Ester Maia Lamerlo, Layde Moreira, Fernanda Dias da Silva (soprano), e Maria Isabel Ferreira. No 2.^o plano, da esquerda para a direita: srs. Joaquim Azevedo Pereira, José Santos, Hugo Reinhardt, Amâncio Santos e Augusto Vieira.

A distinta professora de piano, D. Lucila Moreira, todos os anos apresenta as suas



A Albergaria de Lisboa

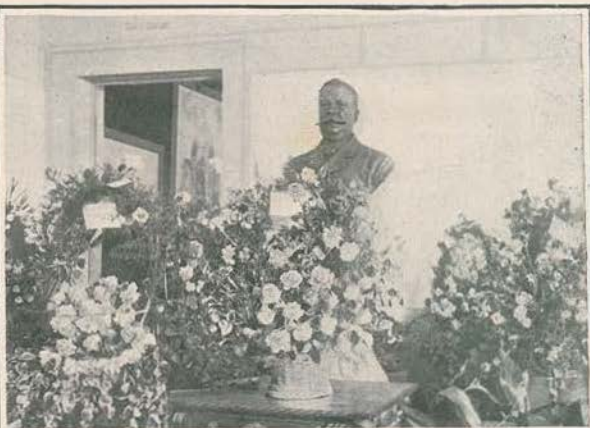
Inaugurar-se-ha em breve a Albergaria de Lisboa, que se destina a receber os mendigos e os abandonados, proporcionando-lhes com o trabalho, amparo e proteção.



3. O edificio onde se vai instalar a Albergaria de Lisboa, no antigo convento de Santa Tereza de Carnide—4. No dia da visita á Albergaria de Lisboa: 1. O sr. governador civil—2. sr. Bernardo Augusto de Sousa—3. sr. Caetano Augusto Rogo—4. sr. Carlos Gomes—5. sr. João José da Costa—6. sr. Luiz Matias de Carvalho, delegado das Associações Comercias. (Officina de Benedito).



1 e 2. A distinta professora de canto, madame Sebros Heisch e uma das suas discipulas, a sr.^a D. Maria Fernãdia Gomes, que tomaram parte no brilhante concerto promovido pela mesma professora, no salão do Conservatorio.



3. Um aspecto do concurso de ramos feitos por jardineiros municipaes na Sociedade Nacional de Belas Artes. O 1.^o premio foi ganho pelo sr. Cesar da Silva.



4 e 5. Aspectos da exposiçõ de flores realisada no Palacio Cristal do Porto pelos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.



6. NO TRIBUNAL MARCIAI: Um aspecto do julgamento da sr.^a D. Julia de Brito e Cunha e dos seus co-réus tenente de cavalaria Soares Alegre, Alfredo Guerra, João d'Andrade, José Pezalta e Gentil de Carvalho acusados de conspirar e que foram absolvidos.
(Clôth de Ret - 200)



1. Sr. João Grave, autor do livro *Jornada Romântica*.

3. Fernandes Costa, autor do livro *o Eterno Feminino* que é um dos mais notáveis trabalhos do ilustre escritor das *Memórias d'um ajudante de campo*.

2. O duque e a duquesa d'Orleans, a arquiduchessa d'Austria Maria Dorotea, que moveu um processo contra seu esposo pedindo uma pensão para alimentos o que está sendo motivo d'escândalo.



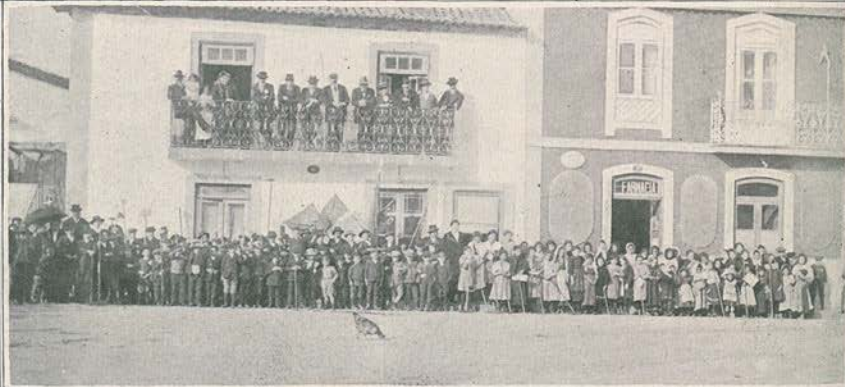
4. O estado actual do Arco de Santo André.—(Cliché de Benoit)

O arco de Santo André, que foi uma das por-



tas da cerca de D. Fernando I, tem causado uma largadisputa entre a Sociedade dos Arqueólogos, a Camara Municipal e a Companhia dos Electricos, á qual o sr. conde da Figueira o vendeu, a fim de ser demolido para o alargamento necessario á nova linha de carros da Graça á rua da Palma.

Os moradores d'aquelle sitio reclamam o desaparecimento do Arco pe a comodidade da linha e os arqueólogos pedem a sua conservação, como a d'um curioso monumento da velha Lisboa.



5. O arco de S. André, vendo-se passar o ultimo elevator da Graça. (Cliché do Albitado fotografista Carlos Silva)
6. A festa da arvore em Freamunde. Na varanda da escola vê-se a comissão da festa.—(Cliché do fotografista anador abade Ferreira)

ANEMICOS DEBILITADOS



A AGUA DE CASAES

ALEXANDERWERK

MAQUINAS E UTENSILIOS DOMESTICOS

PARA CASA E COSINHA

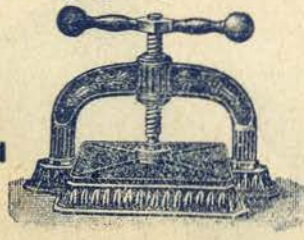
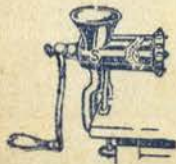
Maquinas para picar carne e legumes, Sorveteiras, Balanças domesticas e para pesar pessoas, Raladores para amendoas e pão, Molinos para café, Prensas para extratos, fruta e limões, Maquinas para limpar facas, etc. Prensas para copiar, de ferro fundido ou forjado.

ALEXANDERWERK, A. von der Nahmer, Soc. An. Remscheid (ALEMANHA)

(2.000 operarios e empregados)

A' venda em todas as boas lojas de ferragens e utensilios domesticos

Representante: F. ISSEL-LISBOA



Seculo Comico

Semanario alegre proprio para a leitura em familia

Em todos os numeros

CONTOS COMICOS, CARICATURAS, VERSOS ALEGRES, ETC., ETC.

Atualmente

CONCURSO DOS NOIVOS

COM

mais de 1.000 premios

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Melo Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA



ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA

Wizard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.^a — COIMBRA



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo L. DEQUEANT, Pharmacoutico, 38, Rue Clignancourt, Paris
Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Já estão á venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o **segundo semestre de 1912** da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ótimo efeito. Preço **360 réis**. Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivos.

ADMINISTRAÇÃO D'«O SEculo»

Rua do Seculo, 43

LISBOA



E' a unica do genero no paiz. Todo o seu calçado é fabricado manualmente pelos ultimos modelos e vendido por verdadeiros preços de fabrica com que ninguem pôde competir.

Sortimento monstro de todas as qualidades para homens, senhores e crianças.

Calçado para balles, soirées, praias, ginastica e foot-ball. Experimentae uma só vez e não mais deixareis de comprar directamente á fabrica pela grande economia que d'al vos resulta.

IMPORTAÇÃO DIRETA E EXPORTAÇÃO

147, Rua de Santa Marta, 149

TELEFONE 3:557